

FICHA TÉCNICA

Título original: *Gregor and The Curse of the Warmbloods*

Autora: *Suzanne Collins*

Copyright © 2005 by Suzanne Collins

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por Scholastic Inc., 557 Broadway, New York, NY 10012, USA

Edição portuguesa publicada por acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona — www.uklitag.com

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Jaime Araújo*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Marco Mantovani (Morcego Voador)*

Ilustração © 2015 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milano

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, outubro, 2016

Depósito legal n.º 414 952/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO

1

Gregor olhou para o espelho da casa de banho durante um minuto, enchendo-se de coragem. Depois, abriu lentamente o rolo de pergaminho e voltou o lado escrito para o espelho. Na imagem refletida leu a primeira estrofe de um poema intitulado «A Profecia de Sangue».

Como sempre, os versos deixaram-no com uma sensação de enjoo.

Alguém bateu à porta.

— A Boots tem de ir! — disse Lizzie, a irmã de oito anos.

Gregor largou o topo do pergaminho, que se enrolou com um estalido. Meteu-o rapidamente no bolso de trás das calças e puxou a camisola para baixo para o esconder. Ainda não falara com ninguém sobre aquela nova profecia e não tencionava fazê-lo até ser absolutamente necessário.

Meses antes, por volta do Natal, regressara a casa vindo da Subterra, um mundo sombrio e belicoso a vários quilómetros abaixo da cidade de Nova Iorque. Lá viviam ratos, morcegos, aranhas, baratas gigantes e outras tantas

criaturas de tamanho fora do normal. Também havia seres humanos — uma gente de pele pálida e olhos violeta que viajara para debaixo da terra no século xvii e construíra uma cidade de pedra chamada Regalia. Os regalianos provavelmente ainda debatiam se Gregor era um traidor ou um herói. Na sua última viagem, recusara-se a matar um rato branco bebê chamado Bane. Para muitos Subterrestres, fora imperdoável, porque acreditavam que o Bane seria um dia a causa da sua destruição total.

A atual rainha de Regalia, Nerissa, era uma adolescente frágil com inquietantes visões do futuro. Metera o pergaminho no bolso do casaco de Gregor quando este estava de partida. Ele julgara tratar-se de «A Profecia de Bane», que acabara de ajudar a cumprir, mas, afinal, era um novo e terrível poema.

«Para, às vezes, poderes refletir sobre ela», dissera Nerissa. Afinal, ela quisera dizer refletir num espelho. «A Profecia de Sangue» estava escrita ao contrário, só era possível lê-la com a ajuda de um espelho.

— Gregor, despacha-te! — chamou Lizzie, batendo de novo na porta da casa de banho.

Ele abriu a porta e encontrou Lizzie e Boots, a sua irmãzinha de dois anos. Estavam as duas embrulhadas em casacos e com chapéus, apesar de ainda não terem saído de casa.

— Preciso fazê chichi! — guinchou Boots, puxando as calças para baixo à volta dos tornozelos e depois arrastando os pés para a sanita.

— Primeiro vais para a sanita, depois puxas as calças para baixo — instruiu Lizzie pela centésima vez.

Boots trepou para o assento da sanita. — Já sou ques-cida. Sei fazê chichi.

— Muito bem! — elogiou Gregor, erguendo o polegar. Boots fez-lhe um sorriso radiante.

— O pai está a fazer biscoitos na cozinha. O forno está ligado — informou Lizzie, esfregando as mãos para as aquecer.

O apartamento estava gelado. Nas últimas semanas, a cidade fora atingida por temperaturas mínimas históricas, e a caldeira que alimentava com vapor as velhas condutas do aquecimento não conseguia dar conta do recado. As pessoas do prédio telefonaram várias vezes para a câmara, mas nada foi feito.

— Despacha-te, Boots. Temos biscoitos — chamou Gregor.

Ela puxou mais de um metro de papel higiénico do rolo e limpou-se atabalhoadamente. Até podiam oferecer-se para a ajudar, mas ela responderia apenas, «Não, eu sei».

Gregor esperou que ela lavasse e secasse as mãos e depois procurou a loção para lhe aplicar na pele gretada. Lizzie puxou-lhe pela manga da camisa quando ele começou a espremer a embalagem.

— Isso é champô! — exclamou, assustada. Ultimamente, quase tudo assustava Lizzie.

— Pois é — disse Gregor, trocando de embalagem.

— Temos geleia, Grê-gô? — perguntou Boots, esperançosa, enquanto ele lhe massajava a loção nas costas das mãos.

Gregor sorriu perante aquela nova pronúncia do seu nome. Durante cerca de um ano fora «Guê-gô», mas ela já acrescentara um R.

— Geleia de uva — respondeu Gregor. — Comprei-a especialmente para ti. Tens fome?

— Siiim! — exclamou Boots. Ele deixou-a subir para a sua anca.

Uma nuvem de calor envolveu-o quando entrou com Boots na cozinha. O pai tirava um tabuleiro de biscoitos do forno. Era bom vê-lo a pé, a fazer qualquer coisa, mesmo algo tão simples como preparar o pequeno-almoço para os filhos. Mais de dois anos e meio como prisioneiro dos ratos enormes e sanguinários na Subterra deixaram-no muito doente. Quando Gregor regressara da sua segunda visita à Subterra, em dezembro, trouxera um remédio especial, que parecia estar a ajudar. As febres do pai eram menos frequentes, as suas mãos pararam de tremer e engordara um pouco. Ainda não estava completamente restabelecido, mas Gregor acalentava secretamente a esperança de que, se o medicamento continuasse a resultar, o pai poderia voltar a trabalhar naquele outono como professor de ciências na escola secundária.

Gregor sentou Boots na cadeirinha de plástico vermelho rachada que tinham na cozinha desde que ela era bebé. Ela batia alegremente com os calcanhares na cadeira na expectativa do pequeno-almoço, que tinha um ótimo aspeto, sobretudo para uma refeição de fim do mês. A mãe recebia o salário no primeiro dia de cada mês e na última semana estavam quase sempre sem dinheiro. Porém, o pai serviu dois biscoitos e um ovo cozido a cada um. Boots tinha uma chávena de sumo de maçã aguado — estavam a tentar que o sumo durasse — e os outros bebiam chá quente.

O pai disse-lhes para começarem a comer enquanto levava um tabuleiro de comida à avó. Ela passava muito tempo deitada, mesmo quando o tempo estava mais ameno, mas naquele inverno mal saía da cama. Tinham

posto um aquecedor elétrico no quarto e montes de colchas na cama. Mesmo assim, sempre que Gregor ia vê-la, ela tinha as mãos frias.

— Ge-lei-a, ge-lei-a, ge-lei-a — repetia Boots numa toada monótona.

Gregor abriu-lhe os biscoitos e colocou uma grande colher de geleia em cada um. Ela deu imediatamente uma grande dentada num deles e espalhou a geleia roxa pelo rosto.

— Ei, isso é para comer, não para maquilhar, OK? — ralhou Gregor. Boots teve um ataque de riso. Todos se riam quando Boots se ria; ela tinha um risinho de bebé tão pateta e soluçante que era contagioso.

Gregor e Lizzie tiveram de comer à pressa para não chegarem atrasados à escola.

— Lavem os dentes — lembrou-lhes o pai, quando se levantaram da mesa.

— Vou lavar, se conseguir entrar na casa de banho — disse Lizzie, lançando um sorriso irónico a Gregor.

O tempo que ele passava na casa de banho era a nova piada da família. Só havia uma no apartamento e desde que começara a fechar-se lá dentro para ler a profecia todos haviam reparado. A mãe estava sempre a provocá-lo, dizendo que ele tentava apearaltar-se para uma rapariga na escola, e ele fingia dar-lhe razão, esforçando-se por parecer envergonhado. A verdade é que estava mesmo a pensar numa rapariga, mas ela não ia à escola. O que o preocupava não era o que ela pensava do seu penteado, mas saber se ainda estaria viva.

Luxa. Tinham a mesma idade, onze anos, mas ela já era a rainha de Regalia. Ou melhor, fora rainha até há alguns meses. Contra a vontade do conselho de Regalia,

juntara-se secretamente a Gregor para o ajudar na missão de matar o Bane. Salvava a vida de Boots ao enfrentar um bando de ratos num labirinto, permitindo que a sua irmã escapasse em cima da sua dedicada barata. Mas onde estava Luxa naquele momento? Perdida na Terra Morta? Prisioneira dos ratos? Morta? Ou conseguira, por algum milagre, regressar a casa? E havia o morcego de Luxa, Aurora. E Temp, a barata que fugira com Boots. E Twitchtip, a ratazana cujo faro era tão apurado que conseguia detetar cores. Todos seus amigos. Todos desaparecidos na missão. Todos ocupando-lhe os sonhos à noite e os pensamentos quando acordado.

Gregor pedira aos Subterrestres para lhe mandarem dizer o que acontecera. Deveriam deixar-lhe uma mensagem na grade da conduta de ventilação da lavandaria, que era um portal para a Subterra. Porque não o fizeram? O que estaria a passar-se?

Não saber o que acontecera a Luxa e aos outros... tentar decifrar a misteriosa profecia sozinho... tudo enlouquecia Gregor. Tinha de fazer um esforço enorme para prestar atenção nas aulas, para se comportar naturalmente quando estava com os amigos, para esconder as suas preocupações da família, porque qualquer sinal de que planeava regressar à Subterra colocá-los-ia em pânico. Andava sempre distraído, não ouvindo as pessoas quando lhe falavam, esquecendo-se de coisas. Como naquele momento.

— Gregor, a tua mochila! — chamou o pai, quando ele e Lizzie saíam pela porta. — Acho que vais precisar dela hoje.

— Obrigado, pai — disse Gregor, evitando o seu olhar, pois não queria ver a sua preocupação.

Ele e Lizzie desciam as escadas para o vestíbulo do prédio e preparavam-se para sair quando uma rajada de vento cortante lhes atravessou a roupa como se não existissem. Gregor viu lágrimas a escorrer dos olhos de Lizzie, que lacrimejavam sempre ao vento.

— Depressa, Liz. Pelo menos na escola está quentinho — instou ele.

Percorreram as ruas o mais depressa que os passeios gelados lhes permitiam. Felizmente, a escola primária de Lizzie ficava apenas a dois quarteirões de distância. Ela era pequenina para a sua idade, ou «delicada», como lhe chamava a mãe. «Uma rajada de vento forte lançava-te ao ar», dizia a avó quando a abraçava. Naquele momento, Gregor perguntava-se se ela não teria razão.

— Vens buscar-me depois da escola, não vens? Vais estar aqui? — perguntou Lizzie à porta.

— Claro — assegurou Gregor. Ela lançou-lhe um olhar reprovador. Ele esquecera-se duas vezes no último mês e ela tivera de ficar na secretaria à espera de que alguém a fosse buscar. — Estarei aqui!

Gregor enfrentou de novo o vento com uma sensação de alívio. Apesar de ter os dentes a bater, pelo menos podia ter alguns minutos sem ninguém a interrompê-lo. Imediatamente, os seus pensamentos voltaram para a Subterra e para o que poderia estar a acontecer naquele momento a vários quilómetros abaixo dos seus pés. Gregor sabia que era apenas uma questão de tempo até que voltasse a ser chamado. Era por isso que passava tanto tempo na casa de banho, estudando a nova profecia, tentando compreender as palavras assustadoras, ansioso por se preparar para o seu próximo desafio de todas as formas possíveis. Os Subterrestres contavam com ele.

Mas os Subterrestres...! A princípio, inventara desculpas para o seu silêncio, mas agora estava apenas furioso. Além de não ter notícias de Luxa nem dos seus amigos desaparecidos, também não fazia ideia do que acontecera a Ares, o grande morcego preto em quem confiava mais do que ninguém na Subterra. Ares e Gregor eram «vínculos» — juraram proteger-se até à morte. A viagem para encontrar e matar o Bane fora horrível, mas se algo bom sobrevivera, fora a relação entre Gregor e Ares, que se tornara inabalável. Infelizmente, Ares era um pária entre os humanos e os morcegos. Deixara morrer o seu primeiro vínculo, Henry, para salvar a vida de Gregor. Apesar de Henry ser um traidor e de Ares ter agido corretamente, os Subterrestres odiavam-no. Também culpavam o morcego por não ter matado o Bane, se bem que, teoricamente, essa fora uma obrigação de Gregor. Tinha um mau pressentimento de que, onde quer que estivesse, Ares estava a sofrer.

Quando abriu a porta da escola, Gregor tentou substituir os pensamentos sobre a Subterra pelo projeto de matemática. Todas as sextas-feiras tinham um teste na primeira aula. Depois, seguia-se basquetebol no ginásio, experiências com cristais de açúcar na aula de ciências e, por fim, o almoço. O seu estômago começava sempre a roncar pelo menos uma hora antes de chegar à cantina. Por causa de todo aquele frio, da luta para que houvesse alimentos suficientes em casa e do simples facto de estar a crescer, estava sempre com fome. Almoçava de graça na escola e comia tudo o que havia no tabuleiro, mesmo que não gostasse. Felizmente, sexta-feira era dia de piza, e ele adorava piza.

— Toma, come a minha — disse a sua amiga Angelina, colocando bruscamente a sua fatia de piza no prato

dele. — Estou demasiado nervosa para comer. — A peça da escola estreava-se naquela noite e ela tinha o papel principal.

— Queres rever as tuas falas mais uma vez? — perguntou Gregor.

Num instante, o texto apareceu nas mãos dele.

— Tens a certeza de que não te importas? Eu entro aqui.

Como se ele não soubesse. Gregor e Larry, amigo deles, reviam as falas com Angelina todos os dias havia seis semanas, mas era Gregor que normalmente o fazia. O ar frio e seco do inverno agravava a asma de Larry e ler em voz alta provocava-lhe tosse. Estivera no hospital na semana anterior com uma crise grave e ainda tinha um aspeto meio adoentado.

— Não vale a pena, não vais lembrar-te de nada — disse Larry, desenhando qualquer coisa parecida com o olho de uma mosca no seu guardanapo e não levantando o olhar.

— Não digas isso! — exclamou Angelina.

— Vais estar péssima, como naquela última peça — continuou Larry.

— Pois foi, quase não conseguimos ficar até ao fim — concordou Gregor.

Angelina fora fantástica nessa última peça. Todos o sabiam. Ela tentou não se mostrar muito satisfeita.

— Fizeste de quê? Uma espécie de inseto, não foi? — insistiu Gregor.

— Qualquer coisa com asas — lembrou Larry.

Ela interpretara a fada madrinha numa versão de *Cinderela* passada na cidade.

— Podemos começar agora? — implorou Angelina.

— Para não ser uma vergonha completa hoje à noite?

Gregor reviu as falas com ela. Na verdade, não se importava, sempre se distraía de pensamentos mais sombrios.

«Mantém a cabeça na Sobreterra», dizia para consigo. «Senão ainda dás em louco.»

Conseguiu-o durante o resto do dia. O fim das aulas chegou, levou Lizzie para casa e depois foi para o apartamento de Larry. A mãe do amigo mandou vir comida chinesa por se tratar de uma ocasião especial e depois saíram todos para ir ver a peça. Correu tudo bem e a participação de Angelina foi a melhor coisa da noite. Quando chegou a casa, Gregor deu às irmãs uma mão-cheia de biscoitos da sorte que guardara do jantar. Boots nunca vira biscoitos da sorte e tentou comê-los com o papel e tudo.

Foram deitar-se mais cedo do que o costume porque estava demasiado frio para fazer outra coisa. Gregor tapou-se não só com os cobertores como com o casaco e duas toalhas. Os pais entraram no quarto para lhe dar as boas-noites, o que o deixava sempre mais tranquilo. Durante anos, o pai estivera ausente ou demasiado doente para vir dar-lhe as boas-noites. Ter os dois ali parecia-lhe um verdadeiro luxo.

Estava, por isso, a sair-se muito bem, mantendo a cabeça na Sobreterra, até que o pai se inclinou para o abraçar e lhe sussurrou num tom de voz que a mãe não pudesse ouvir: — Não há correio.

Ele e o pai combinaram um sistema. A mãe proibira o acesso à lavandaria no verão anterior. Era perfeitamente compreensível. Nos últimos anos, o marido, primeiro, e Gregor e Boots, depois, tinham caído pela conduta na parede da lavandaria que conduzia à Subterra. O desaparecimento dos três fora angustiante. Gregor nem sabia como a mãe conseguira sustentar a família emocional e

financeiramente durante tudo isso. Ela fora fantástica. Assim, parecia pouca coisa fazer-lhe a vontade relativamente à lavandaria.

O problema era que isso impossibilitava Gregor de verificar a grade da conduta que conduzia à Subterra. Porém, o pai sabia como ele andava ansioso por receber notícias de Luxa e dos outros e, então, uma vez por dia descia à lavandaria para ver se havia uma mensagem para o filho. Não disseram nada à mãe, não queriam aborrecê-la. Era diferente para ela. Ela nunca estivera na Subterra. Na sua opinião, todos os que lá viviam estavam associados, de uma maneira ou de outra, ao desaparecimento do marido e dos filhos, mas Gregor e o pai tinham amigos lá em baixo.

Então não havia correio. Nenhuma notícia. Nenhuma resposta. Gregor ficou a olhar para a escuridão durante horas e, quando finalmente adormeceu, os seus sonhos foram agitados.

Acordou tarde na manhã seguinte e teve de correr para chegar ao apartamento da Sra. Cormaci às dez horas. Ia lá todos os sábados para a ajudar. Houve alturas no outono em que achara que ela inventava trabalho para ele fazer, só porque sabia que a sua família precisava de dinheiro. No entanto, com o tempo tão mau, a Sra. Cormaci precisava mesmo de ajuda. O frio causava-lhe dores nas articulações e ela tinha dificuldade em percorrer os passeios cobertos de gelo. Falava muito em cair e partir uma anca. Gregor sentia-se contente por merecer o dinheiro que ganhava.

Naquele dia, ela tinha uma grande lista de recados para ele fazer — lavandaria, mercearia, padaria, correios e loja de ferragens. Como sempre, primeiro deu-lhe de comer.

— Tomaste o pequeno-almoço? — perguntou, mas ele nem sequer teve tempo de responder. — Não importa, como está frio, podes comer duas vezes. — Colocou uma grande tigela fumegante de papas de aveia cheia de passas e açúcar mascavado na mesa. Depois, serviu-lhe sumo de laranja e torradas com manteiga.

Quando acabou, Gregor sentiu-se pronto para enfrentar qualquer temperatura negativa e os ventos gélidos lá fora. Seguindo a ordem da lista, correu de lugar em lugar, grato por ter de esperar em filas e poder aquecer-se. Depois de depositar as compras na mesa da cozinha da Sra. Cormaci, foi recompensado com uma grande chávena de chocolate quente. Depois voltou a agasalhar-se para acompanhar a Sra. Cormaci aos dois lugares onde não podia ir sozinho: o banco e a loja de bebidas. Quando chegaram à rua, a Sra. Cormaci já estava enervada. Agarrou-se com força ao braço de Gregor para enfrentar as camadas de gelo, peões meio ofuscados por cachecóis e táxis guinando de um lado para o outro. O banco ofereceu-lhes uma oportunidade para se aquecerem, porque a Sra. Cormaci não confiava nos multi-bancos e tiveram de esperar numa fila para uma caixa. Depois foram à loja de bebidas, onde ela comprou uma garrafa de vinho tinto para o aniversário da sua amiga Eileen. Quando chegaram a casa, a Sra. Cormaci tinha os dedos tão entorpecidos que deixou cair o vinho na entrada do apartamento, mesmo quando Gregor abria a porta. A garrafa partiu-se nos ladrilhos e o vinho espalhou-se por cima do tapete e pela entrada.

— Pronto, a Eileen vai receber chocolates — declarou a Sra. Cormaci. — Tenho uma bonita caixa de bombons de chocolate, nunca foi aberta. Alguém ma deu no Natal.

Espero que não tenha sido a Eileen. — Pediu a Gregor para se afastar enquanto limpava os vidros. Depois recolheu o tapete e entregou-lho. — Anda. É melhor levarmos isto para a lavandaria antes que fique com nódoas.

A lavandaria! Enquanto ela foi buscar o detergente e o tira-nódoas ao armário, Gregor tentou pensar numa desculpa para não a acompanhar. Não podia dizer: «Oh, não posso ir à lavandaria porque a minha mãe tem medo que apareça um rato gigante e me arraste para debaixo da terra para me comer.» Pensando bem, não havia uma boa razão para que alguém não pudesse ir à lavandaria. Por isso, foi.

A Sra. Cormaci borrifou o tapete com tira-nódoas e meteu-o na máquina de lavar. Os seus dedos, ainda perros por causa do frio, remexeram desajeitadamente no porta-moedas. Deixou cair uma moeda, que rebolou pelo chão de cimento, parando junto ao último secador. Gregor foi buscá-la. Quando se baixou para a apanhar, algo o chamou a atenção, e bateu com a cabeça no secador.

Gregor pestanejou, para se certificar de que não o imaginara. Não o fizera. Ali, preso entre a moldura da grade e a parede, estava um rolo de pergaminho.